

GAMELEIRA

O arvorecer da geografia Payayá

GAMELEIRA

The flourish of the Payayá geography

GAMELEIRA

El arborecer de la geografía Payayá

Jamille da Silva Lima-Payayá

Professora do Departamento de Ciências Humanas (*Campus IV*) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (MPED) e em Estudos Territoriais (PROET). Coordenadora do Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO) – jaslima@uneb.br – mail.com

Resumo

Este texto é o reconhecimento de uma geografia ancestral e sensível. Da Gameleira, árvore sagrada, a geografia Payayá emerge pela escrita poética do Cacique Juvenal Payayá. Expressão da alteridade indígena, a Gameleira apresenta uma geograficidade pneumática, na relação terra-ar, que questiona a colonialidade que nega a história e a geografia. A ancestralidade é terra, mas é também ar que se respira, que envolve e que resiste à verticalidade do enraizamento. O artigo reverbera o poema “Gameleira”, do livro “Vozes selvagens”, em busca do arvorecer da geografia Payayá, como alteridade que acolhe e que, a partir do sentir, oferece sombra alimentada pela ancestralidade.

Palavras-chave: Geograficidade, Ancestralidade, Poética Payayá, Colonialidade, Alteridade.

Abstract

This paper is the recognition of a sensitive and ancestral geography. From Gameleira, a sacred tree, the Payayá geography emerges through the poetic writing of indigenous chief Juvenal Payayá. An expression of indigenous otherness, the Gameleira presents a pneumatic geography, in the earth-air relationship, which questions the coloniality that denies history and geography. Ancestry is earth, but it is also the air that you breathe, that surrounds and resists the verticality of rooting. The paper reverberates the poem “Gameleira”, from the book “Vozes selvagens”, in search of the flourish of the Payayá geography, as an alterity that welcomes and that, from the act of feeling, offers shade fueled by ancestry.

Keywords: Geographicity, Ancestrality, Payayá poetics, Coloniality, Alterity.

Resumen

Este texto es el reconocimiento de una geografía ancestral y sensible. De Gameleira, árbol sagrado, la geografía Payayá emerge por la escritura poética del Cacique Juvenal Payayá. Expresión de la alteridad indígena, la Gameleira presenta una geografía pneumática, en la relación tierra-aire, que cuestiona la colonialidad que niega la historia y la geografía. La ancestralidad es tierra, pero también es aire que se respira, que envuelve y resiste la verticalidad del enraizamiento. El artículo reverbera con el poema “Gameleira”, del libro “Vozes Selvagens”, en busca del amanecer de la geografía Payayá, como una alteridad que acoge y que, desde el sentimiento, ofrece sombra alimentada por la ancestralidad.

Palabras-clave: Geograficidad, Ancestralidad, Poética Payayá, Colonialidad, Alteridad.

GAMELEIRA

Juvenal Payayá

A história, conta-se pra quem tem fé
Na gameleira que viu passar no tempo
Já exausto, tombado sobre a borduna,
De tanta vil labuta, um Payayá ferido
Implorando sombra, providencial abrigo.

O frondoso tronco estendeu-se por lençol,
Folhas seculares, sons e fantasias,
O tronco por anel, o dedo por noivado
– Astúcias da terra natal –:
Como o monte-andino esconde os Maia –
A gameleira protege a nobre tumba.

Na raiz o solo tornou-se divino santuário,
Fresca brisa acalmara o noturno orvalho.
Hoje ainda há um mastro submerso e triste
Contemplado como corpo sem a face,
Tida por última honra ancestral nativa;

O que havia de sombreiro extenso,
Abrigo para o corpo penitente
Pulsam imagens e vagas lembranças
Dos que abriram caminho na incerteza
Compete agora aos traços mudos da história!
(PAYAYÁ, 2016, p. 30).

Início este texto pelo anúncio poético do Cacique Juvenal Payayá – “Gameleira”. Publicado em seu livro “Vozes selvagens”, de 2016, o Cacique reverbera um dos mais importantes componentes da espiritualidade Payayá. Árvore frondosa, acolhedora, a Gameleira faz parte da cosmologia Payayá como ente maternal, terrestre. Ela permite o enraizamento topológico, não como uma essência fixa que se ampara em um passado ou em representações da consciência. Antes, expressa uma identidade em diástase, que está voltada para a alteridade, na qual uma geografia se arvora a partir da geograficidade pneumática, possibilitada justamente pela relação com este ente.

Este ensaio busca reverberar a vibração espiritual e geográfica da Gameleira, desde os Payayá, a título de contribuição para diálogos entre povos indígenas, geograficidades e aqueles que buscam tecer possibilidades de encontro para além dos termos definidos pela modernidade colonizadora. A força da ancestralidade da Gameleira se vivifica na ação

Payayá, como lição ética para tempos que demandam deslocamento perspectivo (SILVA JR., 2020) e traumatismo egológico (LÉVINAS, 2011).

Se há possibilidade de pensar contra colonialidades (SANTOS, 2015), a Geografia deve buscá-la para além do plano racional-epistemológico pré-estabelecido. Onde buscar então? Nas geograficidades que transcendem a materialidade estrutural-estruturante. A Gameleira aponta para esta possibilidade, uma geografia Payayá que não está circunscrita somente ao plano material, mas que ressoa espiritualidade e ética em sua transcendência.

Este texto é, portanto, um convite: degustemos as palavras do Cacique Juvenal Payayá, que desde a Yapira (Cabeceira do Rio, Utinga, BA), onde está o Território Indígena Payayá, na Chapada Diamantina, faz ecoar a voz Payayá (LIMA-PAYAYÁ; MARANDOLA JR., 2020), como rosto de terra, nos fazendo sentir a possibilidade de outras geografias.

Um dos sentidos da literatura indígena tem sido o de comunicar com os seus: reunir, fortalecer, compartilhar, colocar-se (GRAÚNA, 2013). Este forte sentido identitário, no entanto, não convoca apenas o Mesmo, mas está aberto ao Outro, mesmo que não compartilhe a busca do universal da literatura moderna. Não se trata de um localismo, tão pouco, nem uma defesa de sentidos essencialistas, ou de uma consciência histórica que conforma uma identidade. Há, podemos sentir na poética de Juvenal Payayá, um hiato, como interrupção que é movimento e acolhimento, que se entumece pela geograficidade e pela historicidade corpórea: com, na e pela terra.

Já no cabeçalho do poema, lemos uma breve contextualização dos versos:

Para Yaiá Gameleira e também para Gameleira do açude de tábua, destruída a golpes de machado, cumprindo ordens da incompetência maliciosa.
Cabeceira do Rio – fevereiro de 2005
(PAYAYÁ, 2016, p.30)

O Cacique projeta na mesma “Gameleira” a forte figura feminina Payayá e a árvore sagrada que marca a espiritualidade. No processo histórico de silenciamento e de esbulho aos quais fomos submetidos, o nome “Yaiá” está diretamente associado aos Payayá e, por isso, “Gameleira” foi tomado como sobrenome e identificação de ancestralidade, sendo amplamente reconhecido como marcador identitário na Yapira. Assim, a conjunção “Yaiá Gameleira” reforça a associação entre mulheres indígenas que, como troncos-arbóreos,

ofereceram frutos e abrigo, raízes e as condições espirituais e terrestres para respirar, correr, existir e, por isso, expressão da própria ancestralidade e filiação Payayá.

Ao mesmo tempo, o Cacique dedica o poema a uma Gameleira específica, que servia de referência para a aldeia de Utinga, localizada na nascente do rio homônimo. Há, portanto, três planos articulados nos versos do poema: a Yaiá Gameleira, bisavó e uma das ancestrais emblemáticas do Território Indígena Payayá em Yapira; a Gameleira como ente espiritual, em sua ancestralidade, e a Gameleira de referência da Cabeceira do Rio Utinga.

No entanto, os três planos são, na realidade, um só, apresentando a geografia Payayá nesta multivocalidade, como iniciamos a leitura na primeira estrofe:

A história, conta-se pra quem tem fé
Na gameleira que viu passar no tempo
Já exausto, tombado sobre a borduna,
De tanta vil labuta, um Payayá ferido
Implorando sombra, providencial abrigo.

A história, que a racionalidade-instrumental se acostumou a endossar, constituiu-se em enclausuramento e negação, quando está limitada ao plano de suas reminiscências, o que carrega o perigo de servir às classes dominantes como seu instrumento, como nos lembra Walter Benjamin (1994). O Cacique, no entanto, nos convida a contemplar outra história que, por ser aquela dos oprimidos, precisa de “fé” (no sentido de “firmeza na execução de uma promessa ou compromisso” ou de “asseveração de algum fato”) para que seja contemplada e experienciada. Esta história é testemunhada pela própria Gameleira que contempla o corpo Payayá ferido, resultado da labuta vil, injusta.

A Gameleira apresenta o abrigo – permite o acolhimento, a sombra que protege e ampara.

O frondoso tronco estendeu-se por lençol,
Folhas seculares, sons e fantasias,
O tronco por anel, o dedo por noivado
– Astúcias da terra natal –:

Como o monte-andino esconde os Maia –

A gameleira protege a nobre tumba.

Nesta estrofe, o poema nos traz diferentes elementos do sentido de acolhimento oferecido pela Gameleira. O laço amoroso, o forte compromisso entre Gameleira e Payayá, expressa de maneira poética o elo da geograficidade, naquele sentido projetado por Dardel (2011). Há uma cumplicidade, um vínculo que não se desfaz simplesmente: “o tronco por anel, o dedo por noivado”. Tal como um amante que enreda seu pretendente, o aposto explicativo no meio da estrofe “– Astúcias da terra natal –:” alude para um sentido misterioso desta relação, mas também uma sagacidade e malícia que são da terra natal. Neste sentido, a Gameleira com seu “tronco frondoso” seria um ardil que enlaça, mas, simultaneamente, protege, tal como os Andes. Mas que “nobre tumba” seria esta que a Gameleira protege?

Podemos pensar que o poema se refere de forma explícita à própria terra natal, em sua lugubridade: terra dos ancestrais que resguardam a memória e a história da qual a Gameleira é, como vimos, testemunha. No entanto, pode ser uma referência também ao Cacique Sacambuasú, a última grande liderança Payayá a ocupar tal posição na historiografia colonial, durante a assim chamada pelos portugueses de “Guerra dos Bárbaros” (1650-1720). Assassinado dia 2 de Julho de 1672, na antiga aldeia de Utinga, para onde havíamos sido empurrados pelas forças imperiais da colonização, este é tema de outros poemas e texto do Cacique, com destaque para “Cacique Sacambuasú Payayá”, lançado durante a VI Jornada de Agroecologia da Bahia, organizada pela Teia dos Povos e realizada no Território Indígena Payayá (PAYAYÁ, 2019).

Independente do caso, em que consistiria esta capacidade protetora da Gameleira? Assim como Yaiá, sua capacidade de oferecer abrigo e vínculo ancestral repercutem na força espiritual que emana, compartilha e retém.

Na raiz o solo tornou-se divino santuário,
Fresca brisa acalmara o noturno orvalho.
Hoje ainda há um mastro submerso e triste
Contemplado como corpo sem a face,
Tida por última honra ancestral nativa;

“Divino santuário”, capaz de acalmar o “noturno orvalho”, a Gameleira retém a “honra ancestral”, uma das fontes de sua espiritualidade, mesmo tendo sido reduzida materialmente a um “mastro submerso e triste” pela ampliação da represa, nos anos 1970. A tristeza atribuída ao “mastro submerso” é compartilhada pelos Payayá que tinham nela um local de reunião, de orações, de vínculos ancestrais e com isso, sua condição terrestre. Aquela Gameleira, sagrada em sua vivacidade, encontra-se agora em outro plano, em uma tumba-aquática, impedida de integrar terra-céu.

Assim, nas águas da Yapira paira uma Gameleira sem face. Suas raízes e o que restou do seu frondoso tronco, submersos, testemunham, o que para muitos convém não lembrar. Alguns destes podem preferir viver ante o verniz cínico da paz cível a sentir os espasmos da vida esgarçada. Eis a dor pelo arruinamento da Yayá que há tantos acolheu e para os quais era um lar.

O que havia de sombreiro extenso,
Abrigo para o corpo penitente
Pulsam imagens e vagas lembranças
Dos que abriram caminho na incerteza
Compete agora aos traços mudos da história!

A Gameleira foi privada de sua relação atmosférica, o que lhe acarretou a morte, mas ao mesmo tempo ela está em uma nascente junto ao rio Utinga – arrebatada na própria voluptuosidade das águas. Faz parte da vida que se expressa na fisionomia da própria Yapira.

Assim, mesmo como tronco sem face – ela se mostra na Yapira e em nós Payayá. Ela continua a oferecer abrigo, assim como as Yaiás e a Gameleira espiritual. Sua copa frondosa era literalmente morada. Árvore que convida ao acolhimento, pela própria relação dela com a paisagem: faz parte da urdidura da caatinga (como na região da Chapada Diamantina), ao tempo que nela se destaca, por romper o estio, com sua copa frondosa que estende sombra a uma grande área. Protege de ventanias e do sol abrasador, como refresco no calor implacável do sertão, assim como oferece anteparo nas noites frias, constituindo-se em uma tenda encantadora que nos resguarda obstando para as oscilações de temperatura.

A Gameleira cria lugar. Suas raízes vigorosas que se encontram em um único caule convidam à reunião. Sua exuberância sem par atrai irresistivelmente. Convite ao olhar, ao corpo cansado, ao espírito que precisa de repouso. Convite e abrigo aos que “abriram caminho na incerteza”, aqueles que tiveram que lutar com o emudecimento da história para lembrar e retomar. É à sombra da Gameleira que retomamos a caminhada, reafirmando as vozes, amparados por esta “fresca brisa”.

A Gameleira, como geograficidade ancestral, se faz sentir mesmo diante do esforço de emudecer a história. O sentir está para além da recorrência à consciência, não dependendo dela. Para além do Dito, trata-se da verbalidade do Dizer, que se assume e responde ao chamado (LÉVINAS, 2011) que, no caso Payayá, ecoa desde a Terra. Ser Payayá se mostra pelo sentir, como convocação da própria Terra, por meio da Gameleira.

Eis o arvorecer da geografia Payayá: a Gameleira como lugar que acolhe e convoca espiritualmente, transcendendo a própria árvore enquanto matéria.

No entanto, a geograficidade Payayá é violentada constantemente, algo que os poemas do Cacique Juvenal Payayá também ecoam (“1492”, “Data maldita”, “Alienação colonial” e “Açulador”, em “Vozes selvagens”, e “Sangue como história” e “Recado”, do livro “Nheenguera” – PAYAYÁ, 2016; 2018).

Alguns foram educados a esquecer, outros a ignorar, de forma que há aqueles que nasceram no frêmito incógnito da história, sustentado na racionalidade instrumental, cuja geopolítica totalizante visa o apagamento das nossas geografias. Junto a Gameleira, espaço e tempo são devastados. A lugubridade da vida e a solicitude tumular parecem dirigir-se à plenitude do silêncio.

Essa violência se manifesta também ao considerar a caatinga como recurso, como lenha ou como negócio que provocam hiatos na relação de cumplicidade Payayá-Terra. Isto porque os entes geográficos também são um Outro que constituem a alteridade. A Gameleira, neste caso, é lugar, pelo abrigo e também pela alteridade que convoca, assim como pela responsabilidade que exige. O rio Utinga é também um Outro na geografia Payayá.

O próprio rosto Payayá tem sido ferido nesta geografia – a geograficidade é o rosto de terra – como expressão do esbulho e da espoliação que continua, sem cessar, a reificar e reinventar os movimentos de colonialidade que nos assolam. Agora, no entanto, ao perder a

força do emudecimento da história, é a tentativa de substancialização do rosto que ameaça a negação da alteridade desta geografia.

Por isso é necessário atuar no âmbito desta ancestralidade que convida à luta. A geografia Payayá é parida pela Gameleira. Seu rosto não a substancializa, mas permite ser atravessado pelo Outro: o rio, a Chapada Diamantina, o sertão, a caatinga, a Yapira. Esta relação de alteridade se dá pela impossibilidade de posse do Outro e de cooptação para o campo do Mesmo, pois se realiza na proximidade, por sua vez sustentada no traumatismo egológico, convocado pela Gameleira. Desta maneira, a relação com o Outro implica responsabilidade, o que envolve a tensão entre hospitalidade e hostilidade. É por isso que para acolher é preciso lutar. A luta pelo acolhimento e por esta geograficidade está ligada ao enfrentamento da colonialidade, cuja política marca a poética Payayá.

Trata-se de uma geografia do sentir, cuja espiritualidade contradiz os preceitos moderno-colonizadores que a negam. Esta geografia, no entanto, só pode ser sentida, tal como o poema de Juvenal Payayá ou o acolhimento na sombra da Gameleira.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Trad. José L. Pérez; Lavinia L. Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LIMA, Jamille da S. O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá. 2019. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LIMA-PAYAYÁ, Jamille da S.; MARANDOLA JR., Eduardo. “Vozes selvagens”: ecoando a literatura indígena. **Revista da ANPEGE**, v. 18, n. 31, 2020.

PAYAYÁ, Juvenal. **Vozes selvagens**. Salvador: Vento Leste, 2016.



Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros
KWANISSA – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros

PAYAYÁ, Juvenal. **Nheenguera**. Salvador: ALBA Cultural, 2018.

PAYAYÁ, Juvenal. **Cacique Sacambuasu Payayá**. Salvador: Secretaria de Educação, 2019.

SANTOS, Antonio B. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: INCTI/UnB; CNPq, 2015.

SILVA JUNIOR, Roberto D. Experiência etnográfica, deslocamento perspectivo e interdisciplinaridade. **Rev. NUFEN**, v.12, n.1, p. 52-69, 2020.